



---

CONFLUÊNCIAS POÉTICAS ENTRE JOSÉ CRAVEIRINHA E  
LOBIVAR MATOS ATRAVÉS DOS POEMAS “NINGUÉM” E  
“DELÍRIO”

\*\*\*

POETIC CONFLUENCES BETWEEN JOSÉ CRAVEIRINHA AND  
LOBIVAR MATOS USING THE POEMS “NINGUÉM” AND  
“DELÍRIO”

Luana Soares de Souza<sup>1</sup>

**Recebimento do texto:** 08/03/2016

**Data de aceite:** 15/05/2016

**RESUMO:** O presente artigo aborda as confluências poéticas entre o escritor moçambicano José Craveirinha e o mato-grossense Lobivar Matos. Ambos apresentam, em sua escrita poética, aspectos da oralidade, das tradições, da negritude e do povo. Mesmo vivendo em períodos históricos distintos, Craveirinha e Lobivar possuem relações que transcendem o tempo e o espaço. Os poetas estão ao lado de povos oprimidos que ressignificam sua história ao perpetuarem seus costumes. Por meio dos poemas “Ninguém”, publicado em 1974 no livro *Karingana ua Karingana*, e “Delírio”, publicado em 1936 no livro *Sarobá*, buscaremos indícios dessas confluências e veremos que Brasil e Moçambique dialogam tanto na poesia quanto na história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia; Moçambique; Brasil.

**ABSTRACT:** This article explores the confluences between poetic writer José Craveirinha and Lobivar Matos. Both feature in your writing poetic aspects of orality, traditions, blackness and people. Even living in different historical periods, Craveirinha and Lobivar have relationships that cross time and space. Poets are beside the oppressed peoples who (re)signify its history to perpetuate their customs. Through the poems "Nobody", publish 1974 in *Karingana ua Karingana*, and "Delirium", publish in 1936 in *Sarobá*, will seek evidence of these confluences and we will see that both Brazil and Mozambique dialogue in poetry as in history.

**KEYWORDS:** Poetry; Moçambique; Brazil.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* Tangará da Serra.





---

José Craveirinha, poeta moçambicano, e Lobivar Matos, poeta mato-grossense, revelam, em seu fazer poético, a vida dos oprimidos que se encontram à margem da sociedade. As lavadeiras, os mendigos, as crianças, os pobres e os negros ganham uma nova dimensão na escrita poética desses autores. Muito além de apenas revelarem tais personagens renegadas pela sociedade capitalista, os poetas subvertem a linguagem puramente referencial ao construírem versos com profundo lirismo. Neste artigo, abordaremos a poética dos escritores José Craveirinha e Lobivar Matos, apontando suas confluências temáticas e estilísticas, observando como dois escritores em espaços e tempos diferentes dialogam no campo poético.

O poeta moçambicano nasceu em 1922 em Lourenço Marques (atual cidade Maputo, capital de Moçambique). Mestiço, filho de pai português e mãe negra, Craveirinha faz seus próprios estudos e inicia alguns trabalhos como jornalista. Começa suas atividades no jornal “O Brado Africano”. O escritor também faz publicações no jornal “Notícias e Tribuna” e colaborava com diversos jornais como “Voz de Moçambique” e “Voz Africana”. Nos anos 50 e 60, começa a participar dos movimentos nacionalistas pela libertação de Moçambique, atuando ativamente nas questões sociais e raciais. Em 1965, foi preso pela polícia portuguesa. É libertado em 1969. Publica o livro *Xibugo* um ano antes de ser preso. Em 66 publica o livro *Cantico a um Dio di catrane*. Em seguida, publica diversos livros como *Karingana ua Karingana* (1974), *Cela 1* (1980), *Izbrannoe* (1984), *Maria* (1988), *Babalaze das Hienas* (1996), *Hamina e outros contos* (1997) e, por fim, *Maria Vol. 2* (1998). Em 1991 recebeu um dos prêmios mais almejados pelos escritores: o Prêmio Camões. Craveirinha falece em 2003.

Craveirinha é profeta da terra, da mãe, do mendigo, do corpo, da memória, da criança, do negro. Poeta do instinto, da fome, da noite e da





manhã. É poeta de um povo que ali está para servi-lo; servi-lo de imagens, de ritmos, de cores e de música.

O poema “Ninguém”, analisado neste artigo, pertence ao livro *Karingana ua Karingana* de José Craveirinha. O livro contém diversos poemas que tematizam o dia-a-dia do povo moçambicano. Craveirinha fala das *mampsinchas* (frutos comestíveis), dos animais, das mães, dos *timbileiros* (tocadores de *timbila*), entre outros. Ao enunciar elementos viscerais da comunidade moçambicana, o escritor adota uma postura de engajamento ao reconstituir a autoestima da comunidade que foi apagada pela colonização. Entretanto, a poesia de Craveirinha não se preocupa apenas com o passado, ao refletir sobre a colonização. As questões pautadas pelo poeta são contemporâneas, ao debater a exploração da força de trabalho. Lemos o poema:

Andaimes/ Até o décimo quinto andar / Do moderno edifício  
de betão armado.// O ritmo/ Florestal dos ferros erguidos/  
Arquitectonicamente no ar/ E um transeunte curioso/ Que  
pergunta: / - Já caiu alguém dos andaimes?// O pausado  
ronronar

Dos motores a óleos pesados/ E a tranquila resposta do senhor  
empreiteiro:/ – ninguém. Só dois pretos. (CRAVEIRINHA,  
2008, p. 27)

O poema é recheado de sons construídos na combinação das palavras que sugere o som das máquinas da construção. “O trecho O ritmo/ florestal dos ferros erguidos/ arquitetonicamente no ar” causa no leitor, o som desordenado e irritante dos instrumentos da construção. As palavras “ritmo, florestal, ferros e erguidos” são compostas por diversas assonâncias e aliterações. Os fonemas R, S e F produzidos continuamente causam a sensação sonora das máquinas, compondo assim a aliteração. A repetição dos fonemas E e O também ocasionam esse efeito, compondo a assonância no poema. Juntos, os fonemas causam o movimento acústico caótico da





construção. Craveirinha, ao fundir imagem e som, nos coloca diante dessa construção. Estamos nos andaimes do “moderno edifício de betão armado”.

Além dos aspectos estilísticos, Craveirinha aborda uma questão temática fundamental: o negro e o branco. O título do poema registra que o negro não era reconhecido como sujeito histórico, como lemos no verso: “Ninguém. Só dois pretos”. Portanto, uma dicotomia prevalece no poema: “o senhor empreiteiro” em contraste com os “dois pretos”. Mbembe (2014) comenta que “[...] o capital não só nunca pôs termo à fase de acumulação primitiva, como sempre foi recorrendo a subsídios raciais para a executar”. (MBEMBE, 2014, p. 50). Ou seja, a forma de sociedade vigente implica a exploração da força de trabalho (operariado), mas também uma exploração pela raça. A discussão proposta por Craveirinha, com alto teor de denúncia, é uma das características do poeta, que recusa silenciar-se diante das situações de opressão. Sobre essa relação Calane da Silva (2002) discorre:

Muito embora José Craveirinha, [...] diga que quando começou a escrever poesia não conhecia a negritude como movimento nem os poemas de Senghor, e que foi a realidade circundante de racismo e colonialismo que o inspirou, não há dúvida que a sua poesia inicial, sobretudo os poemas escritos nos anos 50, 60 até 1974 e aqueles editados nas obras *Xibugo* e *Karingana ua Karingana* tem marcas bem evidentes de pan-africanismo, nacionalismo e de negritude. (SILVA, 2002, p. 193).

Considerando, portanto, que Craveirinha é um poeta declaradamente engajado, analisamos que o “senhor empreiteiro” é o símbolo do homem que é dono dos meios de produção, pois não compartilha do labor dos trabalhadores. Além de dono dos meios de produção, demonstra ser racista quando se refere aos “dois pretos” como “ninguém”. Assim, Craveirinha faz uma crítica dupla. Tanto aos ricos que dominam todas as formas produtivas (máquinas, força de trabalho, capital) e ao racismo que subjuga os negros.





---

A dicotomia (negro *versus* branco) está em atrito o tempo todo nos poemas de Craveirinha, demonstrando, assim, as relações de opressão tanto da colonização como da contemporaneidade. A antítese “motores a óleo pesados” e “tranquila resposta” expressa antagonismos não apenas de palavras, mas de relações sociais. Portanto, trabalhadores negros e patrão branco seriam categorias inconciliáveis e opostas.

A oralidade é outro elemento presente na poética de J.C. Neste poema, observamos o tom narrativo que se expressa em tempo, espaço, personagens, narrador e nas expressões próprias do discurso narrativo como o travessão e os dois pontos. A mistura entre a estrutura da poesia (versos, rimas, estrofes) e a estrutura da narrativa (discurso direto, pontuação) remonta as práticas orais de Moçambique, em que as palavras tem certa força vital e reverberam no *modus operandi* da comunidade.

O mato-grossense Lobivar Matos nasceu em Corumbá no ano de 1915. Filho de um maquinista e uma costureira, concluiu o primário em 1928. Anos depois se mudou para o Rio de Janeiro para cursar direito. Formou-se e retornou a Corumbá. Iniciou uma militância política no estado expondo diversas críticas à burguesia local. Aos vinte anos (1935) publica o livro *Areôtorare*, uma compilação de poemas. No ano seguinte, publica *Sarobá*. Os dois livros foram um marco para o pré-modernismo em Mato Grosso (na época o estado não era dividido entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). A produção de Lobivar foi diferenciada naquele momento, pois modificou a forma do fazer poético. Entretanto, como o ultrarromantismo e o parnasianismo ainda reinavam no Estado, a produção do Lobivar não foi reconhecida pelos críticos da época. Com apenas dois livros publicados, L. M. produz artigos para algumas revistas a exemplo da





Revista “Pindorama” e publica em jornais. Falece em 1947 no Rio de Janeiro.

Lobivar percorre os caminhos de sua gente: os índios, os garimpeiros, os engraxates, as negras, os roceiros, as lavadeiras. É no cotidiano que ele encontra terreno fértil para captar o instante. Quase fotográfico, o poeta retrata a vida dos subalternos que habitam os sarobás. No poema “Delírio”, publicado no livro *Sarobá*, L. M. questiona o duro cotidiano dos trabalhadores fabris. Neste poema observamos que o poeta interroga a brutalidade do trabalho como meio de subsistência que deforma os corpos dos trabalhadores. Lemos:

Aquelas chaminés continuarão a vomitar destinos?/ Aquelas máquinas continuarão a ceifar corpos robustos? Aqueles mil braços erguidos/ continuarão a produzir e a definhar?  
(LOBIVAR, 2008, 126).

Neste poema de apenas quatro versos, vemos o forte diálogo com o modernismo, ao propor um poema curto, característica encontrada nos poemas de Drummond e Oswald de Andrade. Assim, a forma do poema expressa seu conteúdo; a rapidez e a brevidade estão ligadas ao trabalho industrial, que está presente em um tempo histórico específico: a consolidação do capitalismo.

No período em que Lobivar publicou *Sarobá*, o Brasil vivia, no campo da produção poética: a segunda fase do modernismo. A rebeldia do modernismo, no início de 1920, agora dava espaço para um amadurecimento estético na escrita. Escritores como Cecília Meireles cultivavam a politização e a conscientização deixadas por Manuel Bandeira e Oswald de Andrade, mas com uma abordagem estética mais elaborada. Em Mato





Grosso, vimos apenas ecos do modernismo que vieram muito tempo depois.  
Segundo Marinei Almeida:

Dezessete anos após a realização da Semana de Arte Moderna e o lançamento da revista Klaxon em São Paulo, e vinte e quatro anos após o aparecimento revolucionário de Orpheu em Lisboa é que aparece, pois, no Estado de Mato Grosso, especificamente em Cuiabá, um grupo de escritores inconformados com a situação cultural do Estado. (ALMEIDA, 2005, p. 71).

O período de produção literária do poeta foi marcado por forte industrialização nacionalmente. A forma de produção capitalista se amplia nesse período. O Governo Vargas (1930 - 1945) criou políticas que visavam à expansão da industrialização no Brasil. A tecnologia ainda estava se desenvolvendo, apesar dos avanços do século XIX com a Revolução Industrial, no entanto, muitos homens e mulheres trabalhavam longas jornadas de trabalho. É nesse contexto em que Lobivar está imerso. Um Brasil antes rural, agora dava espaço para um Brasil em movimento, rápido e acelerado.

No poema, vemos como o poeta indaga essa forma de exploração dos oprimidos. As “chaminés” e as “máquinas” descritas no poema são as fábricas criadas nesse período (e que permanecem até hoje) que apenas visavam ao lucro e à exploração, dilacerando os corpos dos trabalhadores. Em “Delírio” esses elementos compostos de ferro ganham características humanas. As chaminés “vomitam” e as máquinas “ceifam”. Já para os trabalhadores, Lobivar utiliza a metonímia “mil braços” e “corpos robustos”. Portanto, vemos que o poeta inverte a relação máquina/homem. Os elementos estáticos (chaminés e máquinas) são humanizados, enquanto os homens (mil braços e corpos robustos) se tornam elementos estáticos, ou





seja, ocorre um processo de reificação dos homens e humanização das máquinas.

Assim como Craveirinha, o poeta mato-grossense também seduz com os sons das palavras. A aliteração e assonância no poema vão criar a sensação da fumaça saindo pelas chaminés. Nos versos “Aquelas chaminés continuarão a vomitar destinos? / Aquelas máquinas continuarão a ceifar corpos robustos?”, observamos a repetição do fonema C e S nas palavras “chaminés”, “destinos”, “máquinas”, “ceifar”, “corpos” e “robustos”, causando a sensação sonora da chaminé durante o ato do trabalho.

O poeta faz uma dura crítica ao modo de produção capitalista que deforma “corpos robustos”, e no modo de produção esse que vinha se instaurando com eficácia no Brasil. L.M., através deste delírio, questiona até quando esse trabalho árduo e incessante vai dilacerar os corpos dos trabalhadores.

Os poetas aqui estudados possuem uma relação estilística e temática que rompem com as fronteiras geográficas e históricas. Os “corpos robustos” dos “dois pretos” continuam ceifados pelas máquinas. Os “mil braços erguidos” não são “ninguém”. Os sons e os barulhos das fábricas, das obras, das construções continuam numa ópera desenfreada e desarticulada. Os “andaimes” continuam a “vomitar destinos”.

José Craveirinha e Lobivar Matos envolvem nosso corpo com a linguagem, a sonoridade, as imagens, as cores e os ritmos. Inscrevem nosso Ser na cadência das palavras, unindo forma e conteúdo. Eles nos convidam a ver, interpretar e intervir sobre a realidade. A poética da indignação e da denúncia se exprimem a cada verso.







---

## Referências

- ALMEIDA, Marinei. Manoel de Barros e José Craveirinha: Um diálogo intertextual. In: LEITE, Mario Cezar Silva Leite et al. **Mapas da Mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.
- CRAVEIRINHA, José. **Karingana ua Karingana**. Maputo: Alcance, 2008.
- MATOS, Lobivar. **Areôtorare**. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras/Unemat, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Sarobá**. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras/Unemat, 2008.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Portugal: Antígona, 2014.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- SILVA, Calane da. **O Estiloso Craveirinha**. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.

